

PLANO DE ADAPTAÇÃO INDÍGENA

Plano de Enfrentamento a Transformação do Tempo da Região Amajari



Aninga - açu

FICHA TÉCNICA

Conselho Indígena de Roraima – CIR

Coordenação Atual:

Edinho Batista de Souza – Tuxaua Geral

Enock Barroso Tenente – Vice Tuxaua Geral

kelliane Cruz – Tuxaua Geral do Movimento de Mulheres Indígenas

Coordenação 2021 a 2023:

Edinho Batista de Souza – Coordenador Geral

Enock Barroso Tenente – Vice coordenador Geral

Maria Betânia Mota de Jesus – Secretária Geral do Movimento de Mulheres Indígenas

Coordenação 2017 a 2020:

Enock Barroso Tenente Coordenador Geral

Edinho Batista de Souza – Vice coordenador Geral

Maria Betânia Mota de Jesus – Secretária Geral do Movimento de Mulheres Indígenas

Departamento de Gestão Territorial, Ambiental e Mudanças Climáticas – DGTAMC:

Sineia Bezerra do Vale – Gestora Ambiental e coordenadora do DGTAMC

Jéssica Maria da Conceição – Gestora Ambiental

Maria de Fátima da Silva André – Assistente Ambiental

Giofan Erasmo Cruz Mandulão – Engenheiro Agrônomo

Renan Oliveira Rodrigues – Engenheiro Agrônomo

Genisvan M. da Silva André – Técnico em Sistema de Informação Geográfica (SIG)

Jabson Nagelo-Coord. de Brigada Comunitária Indígena

Facilitadora:

Sineia Bezerra do Vale

Coordenadores do estudo:

Maria de Fátima da Silva André

Autores:

Nilson Thome- Comunidade Ouro

Vanderly Peres dos Santos – Comunidade Urucuri

Laiane da Silva Torreias- Comunidade Anigal

Francileney Campino Lima -Comunidade Araçá

Josirene Santiago Vanderlei – Comunidade Guariba

Revisão Técnica:

Alessandro Oliveira

Maria Edite Veloso

Vanessa Fernandes Ribeiro

Fotos:

Acervo do Conselho Indígena de Roraima - CIR

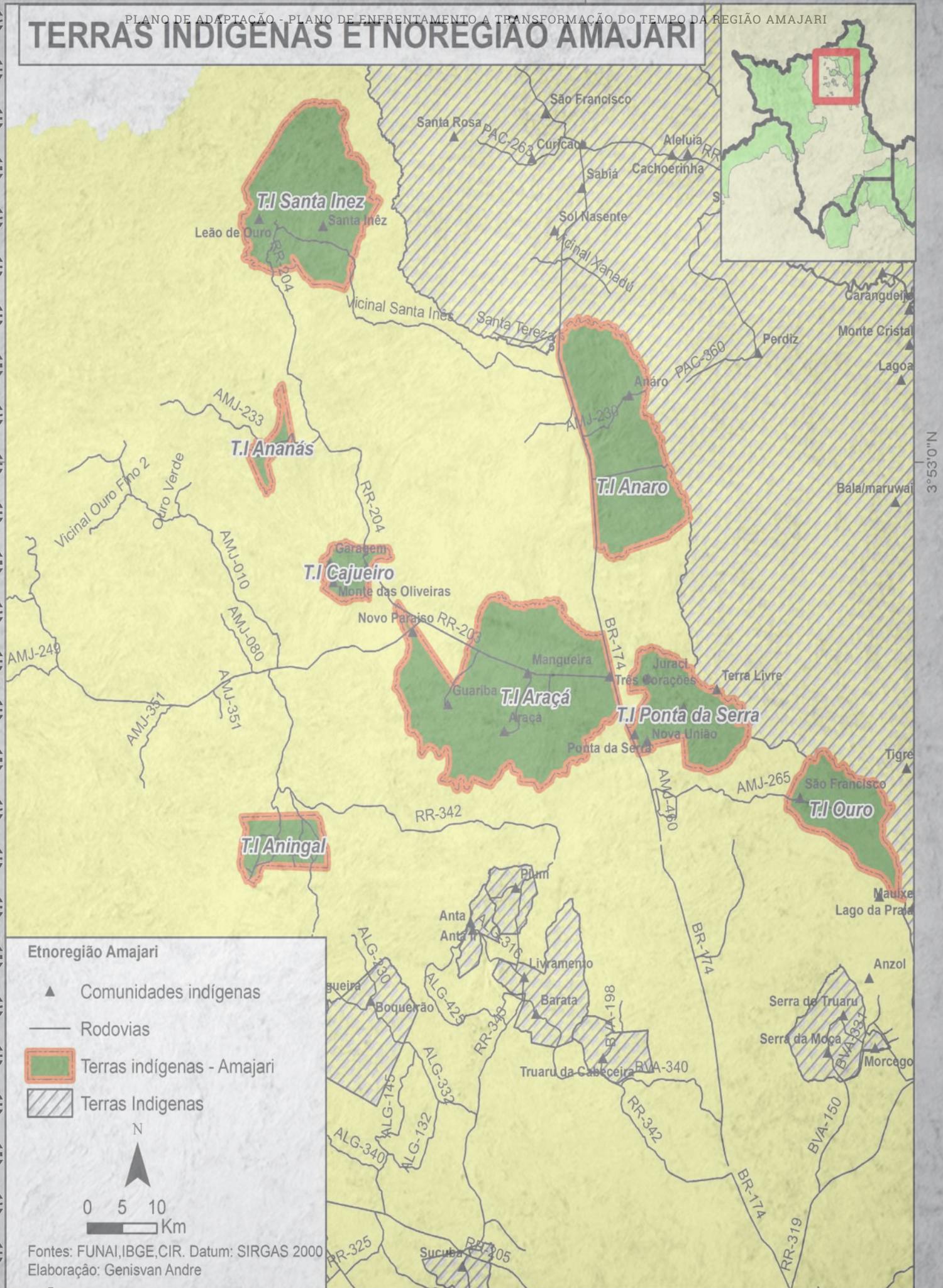
Criação e projeto gráfico e editoração eletrônica:

Jailson Sousa

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
Terra Indígena Ananás.	9
A Terra Indígena Anaro	10
A Terra Indígena Aningal	11
A Terra Indígena Araçá	12
A Terra Indígena Cajueiro	14
A Terra Indígena Ponta da Serra	15
A Terra indígena Santa Inês,	17
A Terra Indígena Ouro	18
Práticas tradicionais e mudanças climáticas	21
Plantações	21
Principais tipos de manivas do Amajari	23
Principais caças encontradas na região	28
Pescarias	29
Principais tipos de peixes encontrados na região	30
Frutíferas	31
Principais tipos de frutíferas encontradas na região	33
Principais tipos de madeiráveis encontrados na região	35
Plano de enfrentamento a transformação do tempo	35

TERRAS INDÍGENAS ETNOREGIÃO AMAJARI



3° 53' 10" N

APRESENTAÇÃO

O Conselho Indígena de Roraima (CIR) é uma organização indígena de base que nasceu na década de 1970 a partir da realização da primeira Assembleia dos Tuxauas. Foi registrada perante o estado brasileiro em 1990. Seu principal objetivo é lutar pela garantia dos direitos assegurados na Constituição Federal e o fortalecimento da autonomia dos povos indígenas no estado de Roraima. Para atingir estes objetivos desenvolve atividades nos campos da saúde, educação, cultura, gestão ambiental, promoção social, desenvolvimento sustentável e participação nas políticas públicas, respeitando a organização social e cultural dos diversos povos indígenas do estado. O CIR é uma das organizações indígenas mais ativas no Brasil, com atuação local, regional, nacional e internacional.

Foi criada em 1971, na primeira assembleia dos tuxauas. Ganhamos forças em 1983, quando formamos quatro conselhos nas regiões: Serras, Surumu, Tabaio, Serra da Lua e Baixo Cotingo. Em 1986, ampliou-se para todas as regiões de Roraima. Em 1987, foi registrada como Conselho Indígena do Território de Roraima (CINTER). Em 1990, mudou para Conselho Indígena de Roraima (CIR), quando o território tornou-se Estado.

A origem do CIR teve início com articulação das lideranças na década de 70, com a realização das Assembleias de Tuxauas que levaram inicialmente à criação dos conselhos regionais, e posteriormente a uma organização de abrangência estadual, o Conselho Indígena do Território de Roraima – CINTERR. A criação formal do CIR ocorreu em 30 de agosto de 1990 devido à emancipação do Território para Estado de Roraima na Constituição Federal de 1988.

No início, o trabalho do CIR se concentrou na luta pela demarcação dos territórios indígenas tradicionais, com destaque para a implantação do projeto do gado que tinha como objetivo a ocupação territorial e a segurança alimentar nas comunidades. O trabalho ampliou-se com sucesso nas áreas de saúde e educação, com a formação de agentes de saúde e professores indígenas. Outro avanço significativo foi a demarcação da Terra Indígena Raposa Serra do Sol em área contínua, uma luta que levou mais de 30 anos. A área de atuação do Conselho Indígena de Roraima (CIR) abrange as 35 terras indígenas de Roraima, com uma extensão de 10 milhões de hectares, onde vive uma população de 100 mil indígenas em 260 comunidades em todo o estado de Roraima, dos povos Macuxi, Wapichana, Ingarikó, Patamona, Sapará, Taurepang, Wai-Wai, Yanomami, Yekuana e Pirititi.

A atuação direta do CIR se desenvolve através dos 10 conselhos regionais que formam sua base de atuação, envolvendo as etnorregiões das Serras, Surumu, Baixo Cotingo, Raposa, Amajari, Wai Wai, Tabaio, Serra da Lua, Murupu e Alto Cauamé.

Desde 2011, o CIR vem apoiando as comunidades indígenas na construção de seus planos de vida e na realização de estudos sobre as percepções indígenas sobre o problema global das mudanças climáticas que orientam planos regionais de enfrentamento dessas mudanças.

Ao longo dessa última década, o Departamento de Gestão Territorial, Ambiental e Mudanças Climáticas, coordenado pela gestora ambiental Sineia Bezerra do Vale, vem desenvolvendo a formação de Agentes Territoriais e Ambientais como pesquisadores locais sobre o tema das mudanças do clima. Eles e elas são os responsáveis diretos por dialogar com as suas comunidades e sistematizar os conhecimentos tradicionais e as percepções sobre os efeitos da questão climática nos modos de vida das suas comunidades. Nesta publicação, o CIR apresenta o estudo realizado na região do Amajari, coordenado pelo DGTAMC e protagonizado pelos ATAs dessa região. Esse estudo é acompanhado de um plano regional de enfrentamento das mudanças climáticas.

PLANO DE ADAPTAÇÃO INDÍGENA

Plano de
Enfrentamento
a Transformação
do Tempo da
Região Amajari



INTRODUÇÃO

Este estudo de caso sobre as mudanças climáticas da região do Amajari foi realizado durante o período de janeiro a maio de 2023. Esta iniciativa teve início através de uma oficina de treinamento para Agentes Territoriais e Ambientais da região, realizada na comunidade Araçá. Naquele momento, a coordenação regional escolheu 06 ATAs para fazerem parte do trabalho: Francilene da comunidade Araçá, Vanderly da comunidade Urucuri, Nilson da comunidade Ouro, Laiane da comunidade Aningal e Josirene da comunidade Guariba.

Em seguida, coordenei a capacitação destes ATAs, repassando ao grupo informações gerais do projeto e repassando a metodologia para a realização do estudo de caso. Como estou à frente desse trabalho do Departamento de Gestão Territorial, Ambiental e Mudanças Climáticas do CIR há mais de dez anos, desenvolvi uma forma de estabelecer o diálogo entre as noções e conceitos técnicos que envolvem o tema das mudanças climáticas e a realidade das comunidades indígenas de parente para parente. Neste trabalho fui responsável por guiar o trabalho dos ATAs desde o início, fornecendo as orientações para o desenvolvimento do estudo e apresentando ao grupo os materiais de trabalho, a apostila, o roteiro de pesquisa e ficha de entrevistas.

A ideia central do estudo foi compreender como as mudanças do clima estão interferindo no modo de vida e na cultura da população indígena, impactando também a dinâmica da vida dos animais, pássaros, das plantas, das árvores frutíferas, como isso afeta a criação de animais e a produção de alimentos pelas próprias comunidades. Com esse propósito, houve a orientações aos ATAs para realizarem os estudos com a cara da comunidade, utilizando os instrumentos metodológicos como apoio para realizar as rodas de conversas com as pessoas de maneira livre para que todos pudessem compreender o objetivo do estudo: construir estratégias de enfrentamento das mudanças climáticas na região.

Durante esta atividade cada ATA ficou responsável por realizar o estudo em um número específico de comunidades. As comunidades participantes foram: Anaro, Juraci, Nova União, Ouro, Ponta Da Serra, São Francisco, Urucuri, Ananás, Aningal, Araçá, Cajueiro, Garagem, Guariba, Mangueira, Monte Das Oliveiras, Mutamba, Novo Paraíso, Vida Nova, Leão De Ouro e Santa Inês. A comunidade Três Corações, por fazer parte de outra organização, não respondeu o contato.

Para sistematizar as informações, os ATAs elaboraram mapas e calendários com a colaboração de todas as comunidades participantes. Nesse percurso eles também realizaram entrevistas com diversas pessoas das comunidades (tuxauas, professores, agentes de saúde, catequistas, coordenadores) ouvindo principalmente aquelas pessoas mais experientes para saber qual a percepção delas sobre as mudanças do tempo nas últimas décadas, principalmente nos últimos vinte anos.

Este livro-documento está dividido em três partes. A primeira é uma apresentação da região do Amajari feita pelos pesquisadores indígenas onde podemos encontrar algumas informações básicas sobre as 8 terras indígenas que integram a região e as 20 comunidades que participaram do estudo. Na segunda parte apresentamos os dados sobre as percepções dessas comunidades sobre as transformações do tempo nas últimas duas décadas e como isso tem impactado as plantações, a caça, a pesca e a disponibilidade de frutíferas e árvores madeireiras na região. Para terminar, a terceira parte é a sistematização do plano regional de enfrentamento as mudanças climáticas em que identificamos os principais impactos e as ações que as comunidades já estão colocando em prática e outras ações que os participantes do estudo indicaram como importantes de serem implementadas para lidar com os efeitos do clima cada vez presentes no cotidiano indígena.

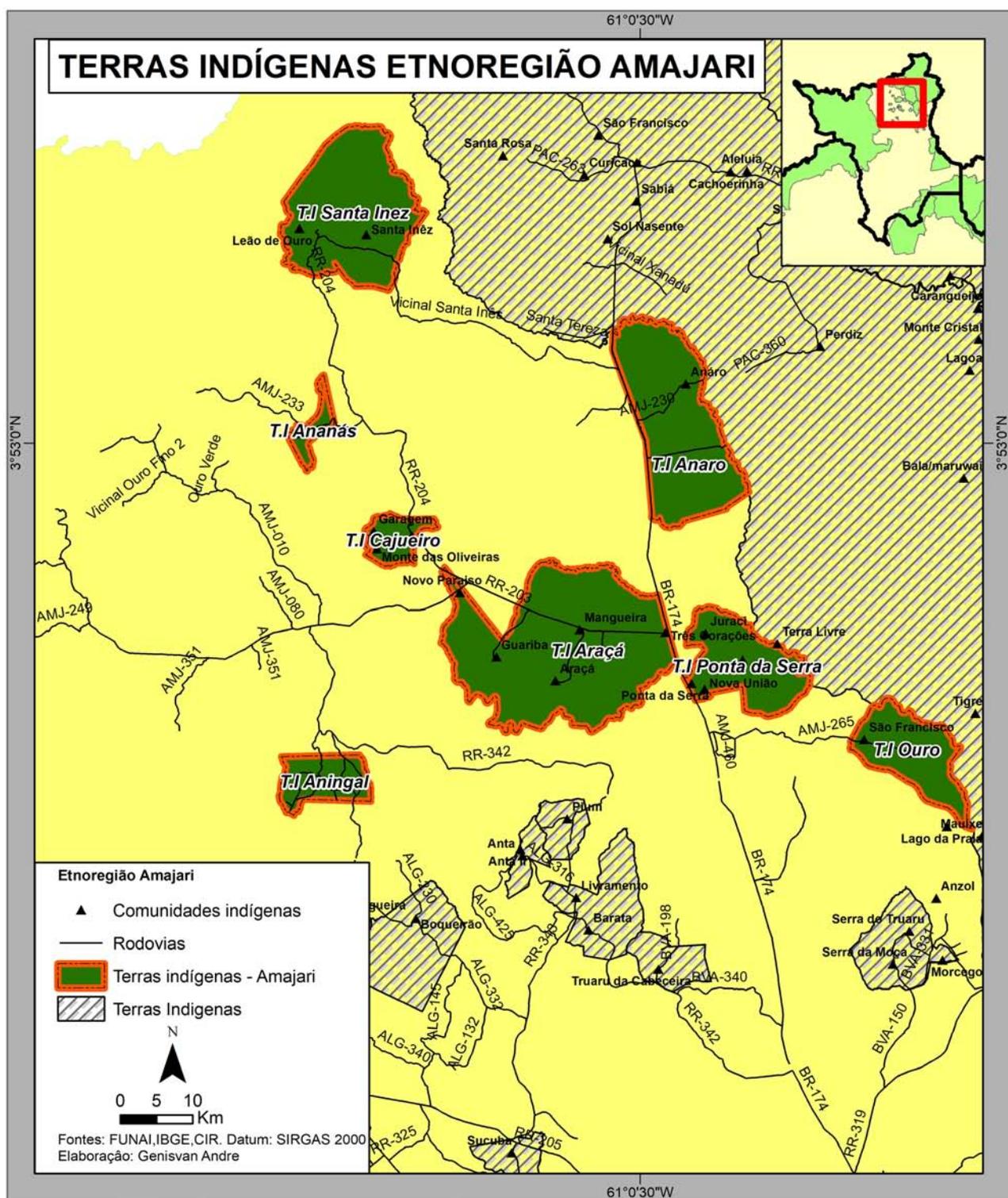
Sineia Bezerra do Vale

Região do Amajari: Comunidades e terras indígenas

A região Amajari é composta por 8 terras indígenas onde vivem 20 comunidades indígenas e uma população de aproximadamente 4 mil pessoas. A maioria dessas terras podem ser consideradas pequenas e foram demarcadas na década de 1980 quando havia um cenário de forte ocupação não indígena da região através de fazendas, quadro que induziu um processo de demarcação fragmentada de terras indígenas por parte do Estado brasileiro. A BR 174 corta a região do Amajari no limite das terras indígenas Ponta da Serra, Araça e Anaro. Já as rodovias estaduais RR – 203 e RR 204 cortam a TI Araçá, Cajueiro até a TI Santa Inês, situada mais ao norte, próxima da fronteira com a Venezuela.

Atualmente as comunidades do Amajari estão buscando caminhos para viver bem dentro dessas terras e com seus recursos naturais disponíveis através do planejamento e execução dos seus planos de vida. Além deste planejamento as comunidades também estão percebendo os impactos das mudanças climáticas nos seus modos de vida.

Terras Indígenas	Comunidades
Ananás	Ananás
Anaro	Anaro
Aningal	Aningal Vida Nova
Araça	Araçá Novo Paraíso Guariba Mangueira Mutamba
Cajueiro	Garagem Cajueiro Monte das Oliveiras
Ponta da Serra	Juraci Urucuri Nova União Ponta da Serra
Santa Inez	Leão de Ouro Santa Inez
Ouro	São Francisco Ouro



Terra Indígena Ananás. A comunidade que dá nome a essa terra foi fundada em 1922, mas somente em 1982 a terra indígena foi homologada, com extensão de 1.769 hectares. A terra indígena Ananás está localizada em meio a diversas fazendas. O acesso à comunidade é feito através de uma estrada rural que atravessa

essas ocupações. Por essa razão, existem problemas quanto a questão de limites com as fazendas Flores e Acari, sendo a preocupação maior com a Fazenda Flores, que tem uma de suas cercas atravessando a terra indígena ao meio, restando à comunidade somente metade da área legalmente demarcada.



O constante conflito com os fazendeiros foi um dos principais motivos da intensa emigração da terra indígena, além da falta de infraestrutura. Hoje, apesar dessa ameaça ainda existir, a comunidade está se organizando para voltar a usufruir de sua terra. E desde o começo da comunidade, o sustento ainda é da roça, caça, pesca e o projeto de gado que a comunidade possui. Também tem um posto de saúde e uma escola.

A Terra Indígena Anaro foi homologada em 13 de janeiro de 2010 e conta com uma área de 30 mil hectares, na qual vive a comunidade de mesmo nome com uma população de aproximadamente 64 pessoas, 21 famílias entre os povos Macuxi, Wapichana e Taurepang.

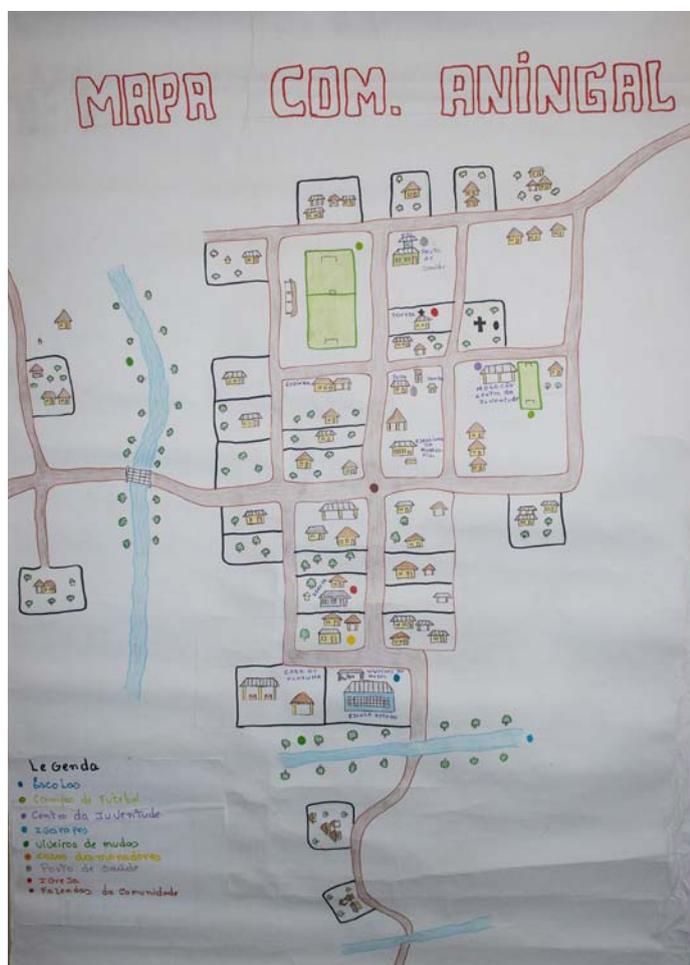
A comunidade surgiu a partir de um sítio chamado Monte Vídeo, de um senhor chamado João Custodio Peres, que se juntou com a sua família. A partir desse momento os filhos foram se casando e foram formando o centro desta comunidade. Atualmente são 15 moradias feitas de alvenaria e palha com adobe, ainda se tem casas que eram de fazendeiros e foram indenizadas.

A economia dos moradores é caracterizada pelas atividades produtivas, como: projeto de gado, criação de animais de pequeno porte, caça, pesca, coletas e agricultura, entre outros.

Atualmente, o tuxaua da comunidade é o senhor Cícero João Peres, e tem 29 anos de tuxaua. Na comunidade, existem Agente Indígena de Saúde (AIS), Agente Indígena de Saneamento Básico (AISAN), professores, vaqueiros e catequistas.



A Terra Indígena Aningal foi homologada em 17 de fevereiro de 1982 e conta com uma área de 7.627 hectares. Atualmente, a população é de 251 habitantes, dos povos Saporá, Macuxi, Wapichana e Taurepang, divididos em duas comunidades: Aningal e Vida Nova. Na época, a demarcação das terras indígenas da região do rio Uraricoera não considerou as características da dinâmica populacional indígena, negando o reconhecimento de grande parte das terras e reduzindo a possibilidade de uma terra com maior disponibilidade de recursos naturais para garantir as necessidades da população indígena. Isso aconteceu no caso de Aningal. Nessa delimitação, ficaram de fora áreas importantes como o rio Santa Rosa, a Serra Santa Rosa e a ilha de Maracá. Todas essas áreas eram antigas áreas de ocupação dos povos Makuxi, Wapichana e Saporá.



O principal acesso à terra indígena é pela estrada vicinal, que faz a ligação com a RR 342 no sentido leste, com passagem de balsa pelo rio Uiraricoera; e, no sentido norte, com a sede do município de Amajari.

A história das comunidades Vida Nova e Aningal é dinâmica. Em seus primórdios, os moradores cultivavam os costumes do nomadismo, ora estavam em um lugar ora em outro. Essas mudanças de lugar davam-se por diversos motivos, entre eles a busca por melhores condições de vida ou mesmo o casamento dos filhos.

Entre os moradores mais antigos, tem-se: Manuel Guilherme (Seu Manduquinha) e Aniceto Teixeira (conhecido com Capanga), que moravam nas proximidades do igarapé Aningal; Armando, que morou uns tempos e depois foi embora para o Araça; e ainda outros como, Antenor, Landolfo, Felix, Aquilino Sampaio (conhecido como Aquilino Roxo). Raimundo Torreia (Raimundo Mocotó). Aquilino Gogo e João Samuel (pai do Constantino), José Samuel Nascimento e Jorge Malhado, que morou e deu o nome de Rebolada à região onde está situada a fazenda Rebolada.



Nessa época, as habitações concentravam-se às margens do igarapé Arraia, no qual havia muita caça, pesca e frutas silvestres, além de áreas de roçado na ilha de Carrapato e em outras, como a Ilha da Onça e ilha da Mata Fome, hoje chamada de Contenda.



A Terra Indígena Araça

foi homologada em 1982 e possui área de 50 mil hectares, localizada entre os rios Cauaruaú, Amajari, e a rodovia federal BR-174. Atualmente a população é de aproximadamente 2.400 pessoas pertencentes aos povos Macuxi, Wapichana e Taurepang, que vivem em 5 comunidades: Araça, Novo Paraíso, Guariba, Mangureira e Mutamba.

A comunidade Araçá é o centro regional do Amajari, onde acontecem as reuniões e assembleias regionais. A comunidade não tem data certa de sua criação, mas com dados dos antigos moradores, os primeiros habitantes foram as famílias Tenentes, no ano de 1960, quando chegaram à

região, vindo da região das Serras e Gran Sabana (venezuelana), do povo Taurepang e Patamona. A atividade econômica é baseada em agricultura e pecuária, com roças comunitárias e individuais, tendo 03 fazendas da comunidade e 07 açudes de criação de peixes e lavouras mecanizadas.



mapa comunidade Mangueira

A comunidade Mangueira está localizada nas margens da rodovia RR 203, há 112 km da cidade de Boa Vista. É de fácil acesso, pois a rodovia passa na comunidade e faz limite com a comunidade Três Corações e Mutamba.



Na comunidade vivem 03 povos, Macuxi, Wapichana e Taurepang, e com uma população de aproximadamente 278 pessoas e 78 famílias. Existem 02 igrejas evangélicas, Assembleia de Deus e Adventistas. Os moradores antigos

relatam que em 1918, já havia moradores nessa área, mas era ocupada por um fazendeiro, que morava entre Mutamba e Mangueira, chamada de Arurana.



Com o passar do tempo, os habitantes foram aumentando e foram se dividindo, os primeiros moradores se chamam Srº Dionizio, Ramiro, Andrade e Emanuele Ribeiro. Também possui um posto de saúde, uma escola estadual e a atividade

econômica é baseada na agricultura e pecuária. Tem alguns projetos que são de sustento da comunidade, como a criação de peixe e lavouras mecanizadas. E na comunidade está o Centro Regional de Educação Noemia Peres (CREIANP).

A Terra Indígena Cajueiro foi homologada em 1982 e tem uma área de 4 mil hectares onde vive atualmente uma população de aproximadamente 250 pessoas, divididas entre as comunidades Cajueiro, Garagem e Monte das Oliveiras.



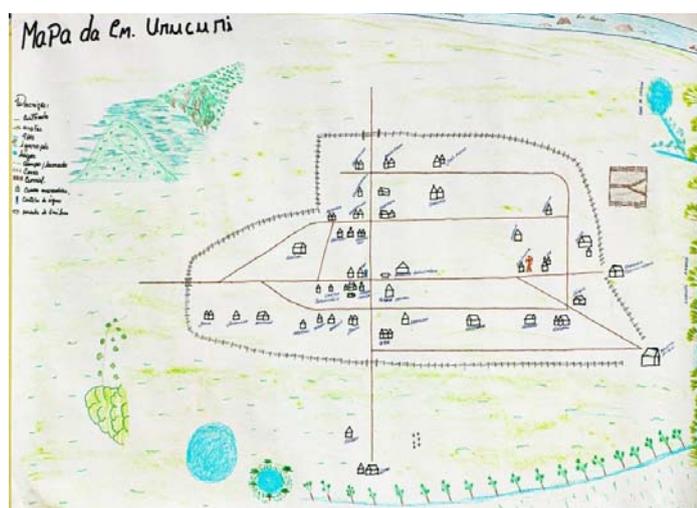
A Terra Indígena Ponta da Serra foi homologada em 1982 com uma área de 16 mil hectares onde vivem 5 comunidades: Juraci, Urucuri, Nova União e Ponta da Serra formadas por famílias pertencentes aos povos Macuxi e Wapichana.

A comunidade Ponta da Serra teve como primeiro morador o senhor Semestres Rodrigues. Na década de 1980, quando a TI foi homologada, o primeiro Tuxaua o senhor

Joaquim Padilha, juntamente com mais de sete famílias. Na época a sustentabilidade dos moradores eram de roças, caças e pesca. Atualmente a comunidade tem como o primeiro Tuxaua o senhor Pedro Henrique dos Santos Padilha e mais de 23 famílias. Hoje a comunidade conta com a infraestrutura de energia e água encanada 24h e tem também uma escola Estadual e uma Municipal, e um posto de saúde.



A comunidade do Juracy era considerada como sítio Juracy. Os moradores pertenciam à comunidade Ponta da Serra, pois ela era organizada e tinha o 1º Tuxaua e 2º Tuxaua. A partir da demarcação, os moradores da Comunidade Juracy resolveram se organizar desmembrando-se da comunidade Ponta da Serra, gerando maior ocupação territorial, criação de gado, escola, igreja e projeto de lavoura, saneamento básico, posto de saúde e igreja – com a escolha de um padroeiro. Em 1995, alguns moradores foram escolhidos para participar de uma assembleia na aldeia Bismarck, para o reconhecimento oficial da comunidade



pelos órgãos da Funai, Polícia Federal e Governo Estadual. Atualmente, a população é de 61 indígenas, com 16 famílias, dos povos Macuxi e Wapichana.

A comunidade Urucuri tem origem de uma planta com esse nome e foi reconhecida 1982 pelo então governo do Estado de Roraima, na época pelo senhor Ottomar de Souza Pinto, juntamente com as 03 famílias. O senhor Valentino Soares e família, João Alves e família, Edgar Pereira e família. Nessa época o principal meio de sobrevivência

era o trabalho na roça, pesca e caça. Com o passar dos anos, a quantidade de famílias foi aumentando. A modernização começou a chegar, como por exemplo, água encanada, energia, comunicação, internet, e os benefícios governo Federal e estadual como o projeto de gado. Atualmente na comunidade vivem 32 famílias.



A comunidade Nova União foi criada em 14 de março do ano de 2018, tendo como o 1º Tuxaua o senhor Clodomir Penalisa e 2º Tuxaua, o senhor Edmundo dos Santos. Naquele momento, a comunidade contava com 17 famílias. O nome vem de uma união de moradores realizada para criação da comunidade. Hoje residem 21 famílias no total de 72 pessoas e a comunidade possui projeto de gado

M+ e da Funai, projeto de grão, tem três funcionários internos, 01 AIS, 01 professora e 01 merendeira. Tem um posto de saúde, uma Escola Municipal de Amajari, anexa. Na comunidade convivem duas etnias, Macuxi e Wapichana. A comunidade também tem alguns moradores que ainda trabalham de roça para o seu sustento e ajuda de alguns projetos do governo federal e estadual.

A Terra indígena Santa Inês, homologada em fevereiro de 1982, possui 30 mil hectares, onde vive uma população de aproximadamente 234 indígenas pertencentes aos povos Macuxi e Wapichana, divididas em duas comunidades:

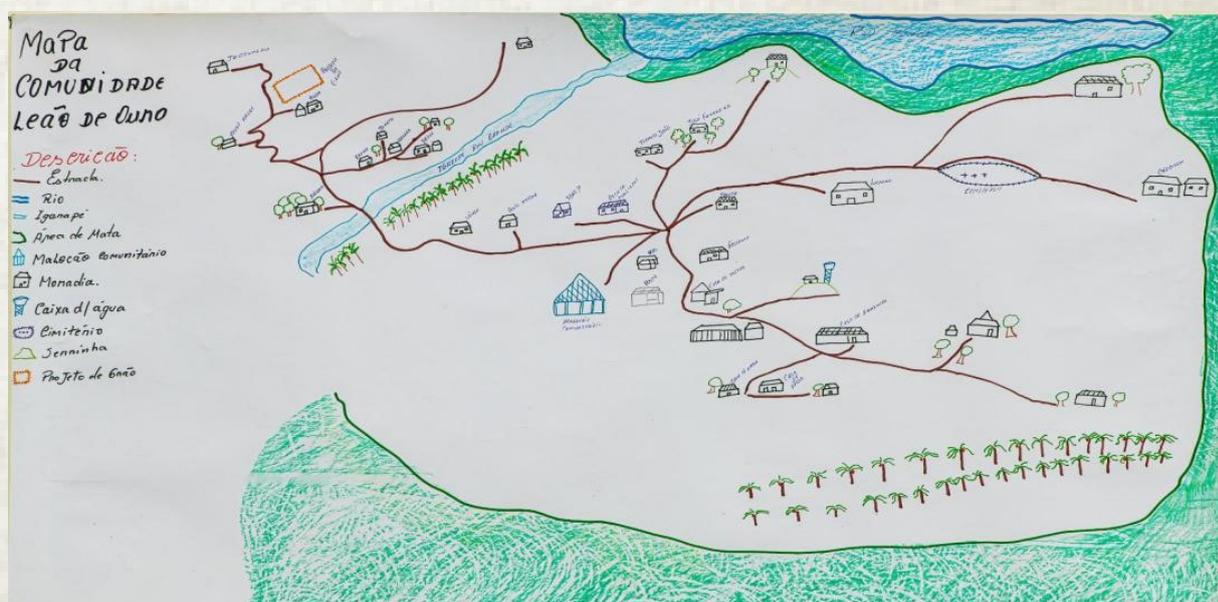
Santa Inês e Leão de Ouro.

A comunidade Santa Inês tem uma organização social que abrange saúde, educação, sustentabilidade e demais contextos socioculturais e ambientais.



A comunidade Leão de Ouro foi criada em janeiro de 1990. Teve como primeiro Tuxaua e fundador, o senhor José Ferreira Gomes, como 5 famílias, todas da etnia Macuxi. O nome "Leão de

Ouro" vem de uma Fazenda que havia na época situada na mesma localidade, mas tinha como os primeiros nomes de Ilha Grande e Saco sem Boca.



Atualmente na comunidade vivem 22 famílias e 110 pessoas, dos povos Macuxi e Wapichana. A comunidade possui dois projetos, um de gado e outro de grãos. E como instituição, duas escolas, uma estadual e uma municipal, além de um posto de saúde. Para o sustento, os moradores

contam com a pesca, caça e roça.

A Terra Indígena Ouro foi homologada em 1982 e tem uma área de 14 mil hectares onde vive uma população de aproximadamente 291 pessoas. Hoje são duas comunidades, Ouro e São Francisco.

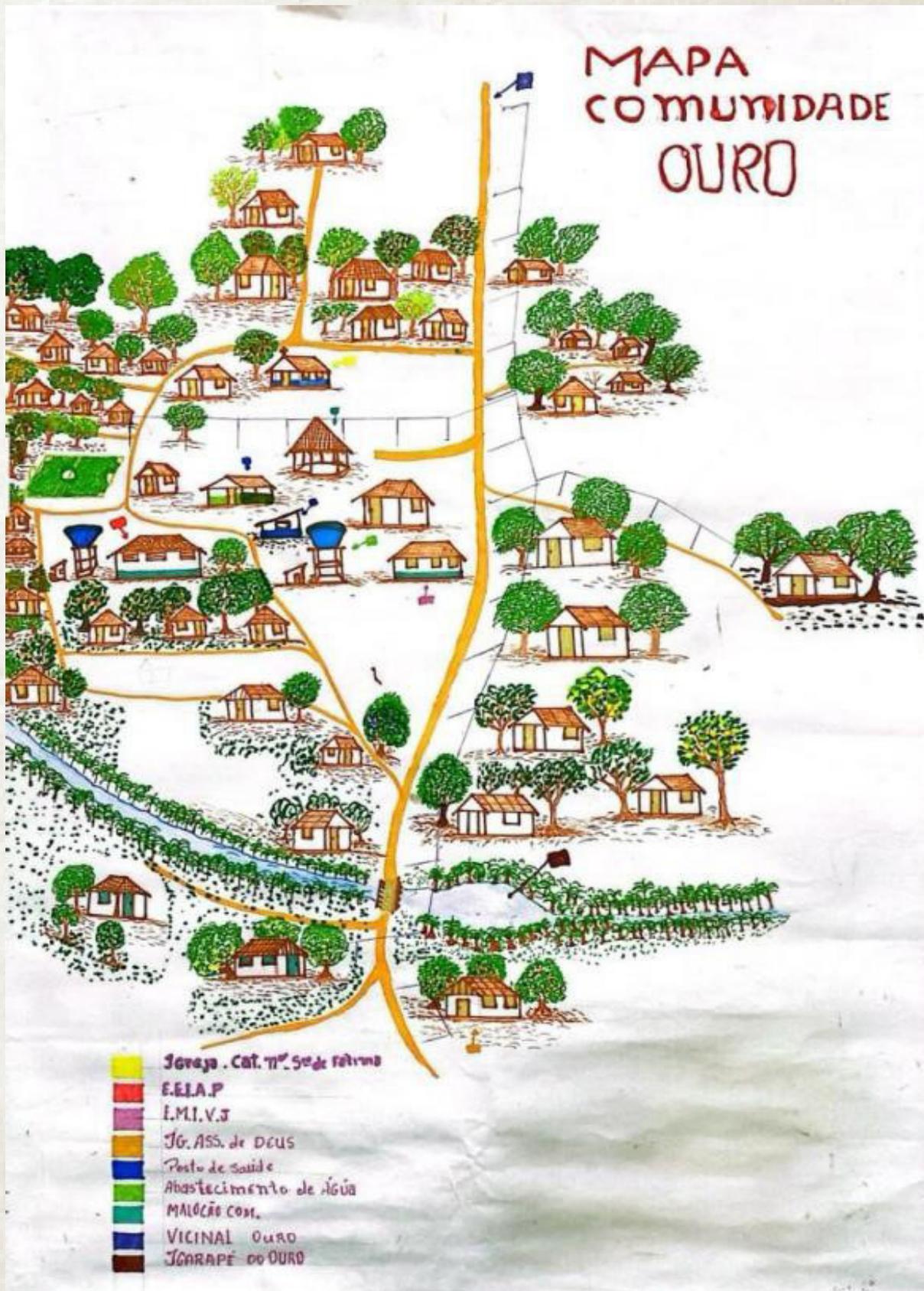


A comunidade São Francisco foi povoada pelos filhos e netos da senhora Joaquina Barnabé pelo seu filho Sebastião Barnabé. Atualmente a comunidade é habitada pelos filhos e netos do senhor Sebastião Barnabé e conta com uma população de aproximadamente 83 moradores e 19 famílias, que vivem de caça e pesca e fazem plantio de roça. Existe posto de saúde AIS (Agente Indígena de Saúde) senhora Eliane Thomé da Silva, o AISAN (Agente Indígena de Saneamento), Moisés da Silva Roberto. O atual tuxaua é o senhor Moisés Roberto da Silva, o segundo é o senhor Narciso Ferreira.

A comunidade indígena Ouro está localizada em uma península, na foz do rio Parimé, afluente da margem esquerda do Rio Uraricoera. Vegetação é apresentada com matas ciliares, a caatinga, o cerrado é o que predomina o lavrado. O Clima é quente e úmido, o verão inicia-se nos meses de outubro até o mês de maio, e o inverno começa no mês de junho do mês de setembro; A comunidade é privilegiada em vários lagos, inúmeros igarapés, dois rios o rio Uraricoera e o rio Parimé;

É uma comunidade rica em buritizais, fauna, flora e mineração onde a mesma é preservada; As roças, mais distantes da comunidade, situam-se na mata ciliar, às margens do rio Parimé e Uraricoera. Os buritizais que, em

múltiplas fileiras, cortam os campos são, por excelência, locais de extração de frutos de palha para a cobertura de casas. Os campos adjacentes prestam-se a caça de pequeno porte e a pastagem do gado pertencente à aldeia.



Recortada a área indígena ouro compreende apenas uma comunidade de mesmo nome, composta atualmente por 264 habitantes. Observando a concentração das casas, pode-se dizer que a população da comunidade se subdivide em dois conjuntos residências, constituída por 71 famílias das etnias Macuxi e Wapichana.

A comunidade indígena Ouro foi povoada entre os anos de 1910 e 1920, com a chegada da família da senhora Joaquina Barnabé juntamente com seu esposo Domingo Barnabé e seus nove filhos, cinco mulheres e quatro homens, que se chamava: Júlia Barnabé, Lavina Barnabé, Iracema Barnabé, Bibiana Barnabé e Jandira Barnabé e os homens Sebastião Barnabé, Barnabé, Aristide Barnabé e Januário Barnabé, com o intuito de fazer criação de animais e fazer plantação de roça.

Com o passar dos anos apareceu um senhor que se dizia ser garimpeiro, pediu permissão a senhora moradora Joaquina Barnabé para experimentar sua ferramenta de garimpo, e acabou encontrando minérios com vestígios de ouro no principal igarapé, desde então o lugar passou a ser identificado de Ouro.

A comunidade Ouro em seu contexto social possui posto de saúde, também existem duas igrejas: a católica e a evangélica. A igreja católica é bem estruturada de alvenaria e foi inaugurada em 13 de maio de 2008, tem como padroeira a santa Nossa Senhora de Fátima. No ano de 2002, a Igreja Evangélica Assembleia de Deus foi instalada na comunidade.

O primeiro malocão foi construído em 1998 pela própria comunidade, em 2007 a comunidade conquistou a estrada revestida de piçarra e com isso melhorou o acesso. Atualmente a

comunidade dispõe do programa luz para todos e melhorou bastante na comunicação.

A economia da comunidade está baseada na caça, pesca, agricultura, pecuária, benefícios sociais dos órgãos governamentais: como bolsa família, crédito social, os aposentados e as renda dos agentes de saúde e da educação. A agricultura é baseada no plantio de mandioca, milho, banana, abacaxi e batata doce. A comunidade produz bastante farinha e vende em pouca espécie para ajudar no completo da despesa da casa. A pecuária envolve a criação de bovinos, suínos e equinos. Na área indígena existem 02 fazendas construídas pela comunidade para receber projetos de gado vindo de outras comunidades. Projetos da comunidade: chuva na roça, plantio de maracujá, projeto de gado, lavoura do projeto apoiado pela FUNAI somente para mulheres. Os projetos da FUNAI e projeto M+, tem duração de cinco anos na comunidade e em seguida é feito o repasse para outras localidades, na comunidade o vaqueiro passa 1 ano na fazenda, por ano é dividido a terço com a comunidade, quando o gado é bem cuidado de forma adequada o vaqueiro chega a ferrar 13 rezes e a comunidade ficando com pelo menos 22 rezes, podendo até prolongar mais 1 ano do vaqueiro se a fazenda e os gados forem bem tratados. Todo ano é feita a ferra do gado e a troca de vaqueiro quando é possível.

Esta é uma apresentação geral de um panorama das comunidades e terras indígenas da região Amajari. Na próxima parte apresentamos os resultados do estudo sobre como as comunidades estão percebendo os efeitos das mudanças climáticas através de suas práticas tradicionais de plantio, caça, pesca e no extrativismo das plantas frutíferas.

Práticas tradicionais e mudanças climáticas

CALENDÁRIO CULTURAL COMUNIDADE ANINGAL

Janeiro
Preparo das Roças, Folce, tessado, machado, enchada, Cutia de Fihote, tatu de fihote; Traçada de bovando.

Fevereiro
Pé de mangueira Floreando, Buriti, macucau de bovando, Camaleão de bovando, limpeza da Roça

Março
Aulimada das Roças, limpeza, cuiabari Jabuti de bovando, Papagaio Botando

Abril
Inverno, Plantio de cana, Veado com fihote

maio
Inverno, mês de plantio nas Roças, Piracema

Junho
Inverno
colheita de milho
Folgueiras

Juho
Chuva "Inverno
limpeza das Roça
fruto do moto : Tucumã

Agosto
Colheitas dos plantio das Roça: melancia, abobora, Banana, Cano, Banana abacaxi, mês da cobra Jerezo, Lacaol
limpeza, Inverno com Temporal

Setembro
Colheita de Plantio da Roça, fruto do mato: Jauari, Tucumã, Pitomba, minixi, Verão.

outubro
Refirada de milho, Arroz, Cana, Verão

NOVembro
chuva do boi açu e quando da um chuveiro de ucy enquanto, Caju Jatoba, Lima, Jaramya, Caju

Dezembro
Broco de derruba: machado, folce moto Serra, enchada, Da cobra

Aninga-açu

Plantações

Nossas comunidades da região do Amajari têm seus modos de vida diretamente ligados com a natureza e os ciclos do clima. Praticamente todas as famílias têm suas plantações para o seu autossustento, comercializando o excedente. A roça é feita de forma tradicional, utilizando-se brocas, derrubadas, queimadas e coivaras. Os produtos agrícolas mais cultivados são: milho, arroz, feijão, banana, mandioca, macaxeira, cana, melancia, abóbora, abacaxi batata, cará, mamão e pimenta. A maniva tem um papel central no nosso sistema

de produção. Nas comunidades são encontrados vários produtos derivados da mandioca como: farinha, farinha de tapioca, caxiri e bolo de macaxeira. De maneira geral, os agricultores indígenas de toda região vêm percebendo a queda da fertilidade do solo nas áreas de capoeira utilizada para o cultivo das culturas agrícolas, associada a ciclos de pouso cada vez mais curtos. As mudanças do clima também estão impactando essas dinâmicas, alterando os tempos de cada etapa de trabalho nas roças.

Nos relatos dos moradores da comunidade Vida Nova, terra indígena Aningal, afirmaram que o clima mudou bastante nos últimos tempos. Há 12 anos, o calendário tradicional funcionava, sabiam o tempo certo de plantar e de colher. Uma das principais percepções nos tempos atuais é a quebra e chuva fora de época.

Wendy Loyane da Silva, 28 anos, wapichana que vive na terra indígena Anaro observa que:

"Eu percebi que o tempo mudou, nós tínhamos tempo como verão e inverno, hoje não estão com o tempo certo, tem quase 03 anos que os rios, não secaram mais. E todas essas mudanças, teve sim interferência aqui na comunidade, aconteceu que com o inverno prolongado, muitos moradores, não conseguiram colocar suas roças, e com isso, hoje aqui na comunidade, não temos farinhas, é bastante crítico, e para não ficar sem a farinha, muitos foram comorando em outros lugares, como na cidade."

É o que também observa José Guilherme, 64 anos, do Conselho de Saúde e Catequista:

"Antigamente, nós tínhamos o tempo de fazer roça, plantação e colheita, hoje podemos dizer que não está tudo bem, esses tempo de mudanças, as nossas produtividades, não estão de boa qualidade, quando chove é muito chuva e quando faz verão é muito quente, o que afeta as plantações e faz com que se estragam. E por causa disso, hoje eu não tenho mais roças, por causa do tempo incerto."

A senhora Dejanira Maria da Cruz, com 90 anos de idade, também observa que o clima tem mudado bastante, principalmente período das chuvas, nos últimos anos tem chovido bastante, os rios não querem mais secar. Para ela, a natureza está diferente, as plantas não querem mais dar frutos no mês certo, o verão está muito quente, quando tem verão é muito quente e quando chove, chove muito. Com essas mudanças, ela tem visto que muita gente ficou afetada, como na plantação de roça, muitos não conseguiram preparar a terra para o plantio.



As manivas são fundamentais na reprodução das plantações de diferentes tipos de mandioca e são a base da agricultura indígena. Se o tempo continuar assim, essas manivas podem ser perdidas, por estar dificultando as plantações.

Principais tipos de manivas do Amajari		
Tipo	Característica	Tipo de uso
Amazonas	Mandioca amarela, folha fina	caxiri e Farinha
Cariri	Mandioca branca,	caxiri e beiju
Tucumã	Mandioca amarela	caxiri e beiju
Seis meses	Galhuda, carregada, branca	Farinha e caxiri e beiju
Buriti	folha grande	Farinha
Urubu		Farinha e caxiri
Camaleão	Pés altos, engalhado	Carimã e farinha
Vermelhão	Maniva vermelho, mandioca branca	caxiri e Farinha
Macaxeira	Branca, folhas brancas	Farinha branca
Lamparina	Casca vermelha, maniva roxa	Farinha e carimã
Cariri	Vermelha	Farinha
Caititu	maniva vermelha, mandioca branca,	Farinha e caxiri
Maracanã	Maniva Branca	Beiju
Traíra		Farinha e caxiri e beiju
Jiju		Farinha e caxiri e beiju
Pato	Amarelo	Farinha e caxiri
Veado	Amarelo	Farinha e caxiri

A mesma percepção é compartilhada pelos moradores da TI Araçá, Valdecir Bento Filho, 46 anos, professor observa que o clima tem mudado muito nos últimos anos, não sabemos mais quando é inverno e verão, e durante o verão, tem ocasionado muitas queimadas. Segundo o professor, antigamente, tínhamos um calendário cultural e sabíamos o período de inverno e verão, mas hoje não. Não sabemos mais quando plantar, tudo ficou sem rumo.

Antes, nós fazíamos nosso planejamento de mês em mês, com o dia da nossa plantação. Em 2018, a nossa comunidade sofreu muito com o verão, os igarapés secaram totalmente e o nosso território só tem duas ilhas que não tem como preservar, a terra já está degradada, temos sofrido bastante em nossa região, a terra é pequena, assim, muitos deixam de fazer roças e temos poucas variedades de manivas.



▲
Moradores Comunidade Indígena Ouro raspando mandioca – Acervo/CIR

A seguir outros relatos dos moradores de diferentes comunidades da nossa região confirmam a mesma percepção:

Edilson Dilson dos Santos, 44 anos, tuxaua da comunidade Mutamba, gestor escolar, coordenador do projeto de grãos. O tempo mudou e muito, as queimadas têm sido um fator para a transformação do tempo, e isso interferiu muito, fez eu perder todas as plantações de feijão, ano passado, em 2022. As sementes, procuramos conservar em garrafas pet, para não perder.

Charlene Carla de Campos, professora, 42 anos, comunidade Mutamba. Moro na comunidade Mutamba, vejo que nos últimos anos, a temperatura ficou muito quente, pode até provocar doenças nos seres humanos, para as plantas e todos os seres vivos. Em 2011, foi um ano de muita enchente e depois desse tempo, tudo mudou tudo, vieram tempos de muitas chuvas, tempo de muita estiagem, chuvas fora de época que tem ocasionado muito transtorno. No caso das estiagens, as roças não deram frutos, as terras secam, foram duro, e com as queimadas a terra fica degradada mais ainda. As manivas que eu conheço é de 6 meses, ela é boa e dá rápido, aqui no quintal, plantamos mais a macaxeira, banana, cana, que eu trouxe de outras comunidades, e se deram bem com a área daqui. Eu acredito que a melhor forma de guardar sementes, é replantando todos os anos.

Sheila dos Santos, 48 anos, professora. As mudanças climáticas têm sido um fator para a destruição das matas, as secas nos rios e os igarapés, e as mudanças no tempo, não se sabe mais quando chove e quando faz verão. Isso tem interferido nas plantações de roças e na produção de alimentos, as plantas não estão suportando, tanto calor. Poucas pessoas têm roças nesses tempos, muito não conseguiram plantar. Antigamente, as manivas vinham de outras comunidades, que os mais velhos traziam,

mais agora tudo que eles têm é repassado de geração em geração na comunidade.

Antônia da Conceição Pereira da Silva, gestora escolar, moro na comunidade Mangueira, 62 anos. O tempo tem mudado muito nesses últimos 20 anos e as vezes não percebemos o que acontece, o clima desandou. As poluições têm sido um dos impactos para a natureza, os lixos são um problema muito gravíssimo. Acredito que desde o começo dos avanços das tecnologias, as coisas começaram a mudar, a poluição do ar pelo carro. Aqui na comunidade, não houve muita seca, em 2021 e 2022, choveu com muita intensidade, esse ano de 2023, parece vai ser normal.

As mudanças do clima têm interferido muito em nossas comunidades, principalmente na agricultura, as vezes estiagem e logo a chuva, e pode acontecer o choque térmico na terra, fazendo que as nossas plantações cozinhem. Hoje se perdeu o costume de se guardar sementes, pois são poucas as famílias que têm o costume. Antigamente se usava atilhado que era um ajeito de guardar o milho.

Clemildes Melissa Duarte da Silva, dona e casa, 26 anos. O tempo mudou, a temperatura tem sido muito alta, parece que o sol está mais perto da terra, assim como o frio também. Penso assim, a comunidade fica bem na beira da rodovia, então passa carro direto por aqui, e o ar vai sendo poluído, as queimadas, então isso vão poluindo o nosso ar, que é puro, assim vai degradando e afetando as matas, agora só usamos a capoeira, e a produção não é tão boa.

Marinalda Lourenço Tenente, 48 anos, professora destaca que As mudanças climáticas têm causado muito transtorno nas comunidades, mexeu com os nossos conhecimentos tradicionais, antigamente, nós sabíamos tudo sobre o tempo, na agricultura, nós já se preparávamos, sabíamos o tempo de

plantar, colher. Hoje mudou muito, quando tem produção, não do bom produto, por exemplo, a banana, macaxeira, até no quintal de casa, não dá melhor produto, mesmo molhando.

Olguildes Ribeiro dos Santos, 68 anos, agricultora. Eu nunca vi o clima mudar dessa maneira. As mudanças do clima aconteciam conforme o verão e inverno, agora não, o tempo ficou doido, está chovendo fora do tempo, isso afeta o modo de viver em nossas comunidades, devido os calendários culturais nas plantações de nossas roças, não se consegue plantar no tempo certo e a produção não é de boa qualidade. Nesse período que choveu, a mandioca estragou e não deu de aproveitar.

Muitas pessoas na nossa comunidade têm costume de guardar sementes em garrafas de vidro, como feijão, melancia, melão. As espigas de milho são guardadas nas travessas de cozinha, assim a fumaça ajuda a não crias pragas e ajuda a preservar.

Na TI Cajueiro, Aldenir Santana, 37 anos, agricultor observa que o plantio tem mudado muito de quem depende de roças, as áreas já estão degradadas e para completar chegou o porcão do mato, e acabou as plantações, deixando muita gente sem produto.

Em janeiro o povo começa a colocar a roça para que em abril começar a plantação. Agora o povo coloca roça em janeiro e já tem água que no clima de verão, e está assim. O clima

mudou bastante, não tem mais as 4 estações, e relatou que essas mudanças, já interferiu nas suas atividades produtivas.

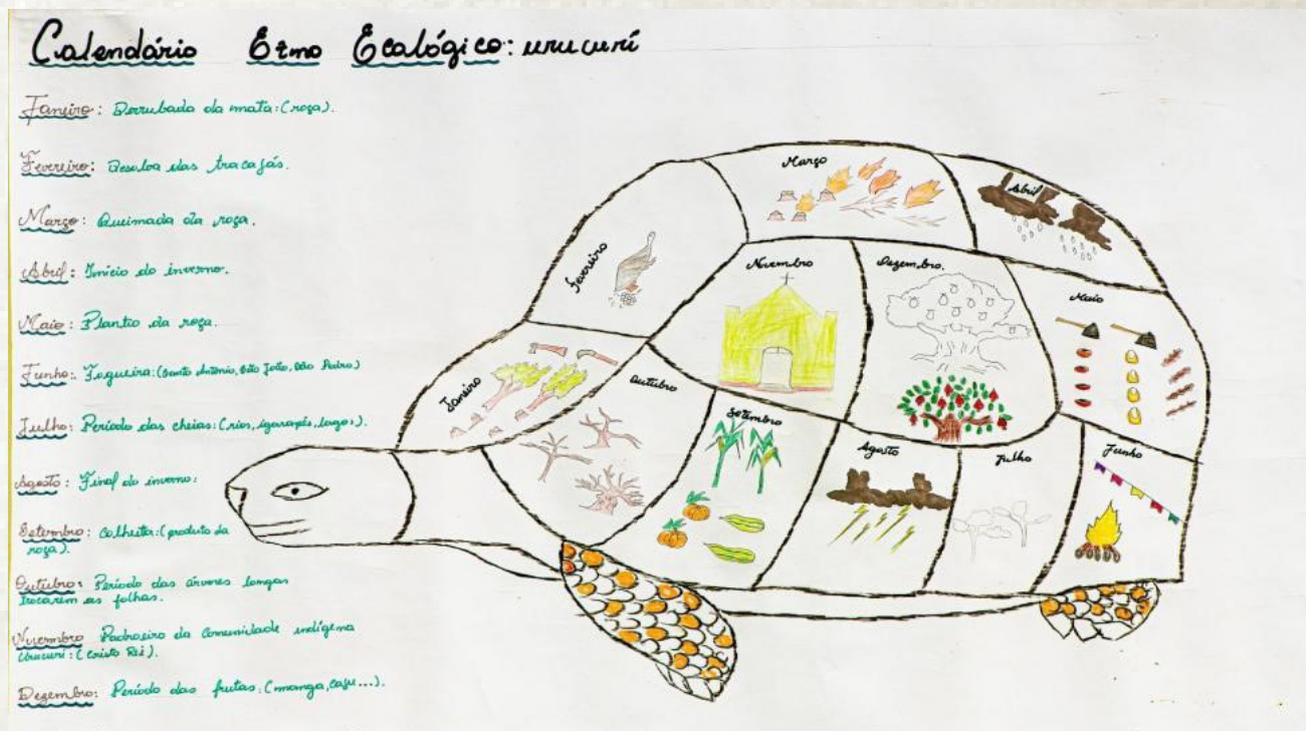
Paulo Arfeles Silva, 62 anos, 2º tuxaua da comunidade Monte das Oliveiras. E esse ano agora (2023) está bastante quente e interferiu sim essas mudanças de clima pois a roça é perto do rio e ano passado teve enchente e os produtos da roça se acabam lá mesmo, pois estragou tudo.

Anizio Minguel Simplicio, 71 anos, foi o primeiro tuxaua da comunidade Cajueiro observa que as mudanças do clima interferiram na produção, principalmente as chuvas demais pois a roça é perto do Rio. Ele também lembra que existe um método de se conservar os produtos que é encanteirar maniva, conserva muito.

Com base nas entrevistas feitas em fevereiro de 2023 com os moradores da comunidade São Francisco, na TI Ouro é possível constatar a mesma reação climática, como o período de chuva mudou e as consequências claramente detectadas nas plantações. Isso tem afetado bastante a vida dos moradores, conforme relataram Elmar Rosa, 49 anos, agente indígena de saúde (AIS), Janaina Silva Souza, 31 anos, professora municipal e José Luiz Rosa, 64 anos, agricultor. Na entrevista relataram a mudança do tempo, antes mais frio e hoje mais quente, assim como a chuva que ocorre fora de época, verão mais forte, causando impactos no cotidiano da comunidade.



Caça



Calendário etnoecológico comunidade Urucuri – Terra Indígena Ponta da Serra

A caça também é praticada de forma tradicional nas terras indígenas da nossa região. Atualmente, os animais de caça são mais encontrados em algumas terras e menos em outras em razão de muitos fatores. É possível identificar que em alguns lugares ainda há um equilíbrio na presença de alguns animais, em outros, desequilíbrio com animais como porco que estão invadindo e destruindo as roças das famílias.

Na TI Aningal, por exemplo, as caças mais comuns como porco-queixada, tatu-peba, veado, anta, paca, cotia e catitu, podem ser encontradas mais facilmente devido à proximidade com a ilha de Maracá, que é área de preservação, e as fazendas que ficam em torno da comunidade.

Para muitas pessoas entrevistadas nesta área é

possível dizer que algumas espécies continua o mesmo, mas tem algumas que sim tiveram uma diminuição, principalmente por causas das fazendas perto das comunidades indígenas. Muitos consideram que se a comunidade tiver apoio de vigilância, deve aumentar os tipos de caças e peixes, seria bom a permanência da equipe de vigilância na entrada das comunidades.

De toda forma, antigamente, quando nós íamos caçar, encontrávamos com facilidade, não está mais assim, e o motivo é descontrole dos caçadores sem autorização da comunidade. Mas devemos preservar essas caças, porque senão, vai diminuir e vai dificultar mais ainda nosso acesso a essa fonte de alimentação das famílias. Precisamos de vigilância dentro das nossas comunidades.

Um dos fatores que explicam essas mudanças é o aumento do número de moradores e mais caçadores na comunidade, além disso as queimadas cada vez mais recorrentes afugentam as caças. Isso também acontece com os peixes, diminuiu bastante, porque antigamente, os primeiros moradores que iam caçar e pescar, eles encontravam rápido.

Se não cuidarmos, vai diminuir ainda mais essa disponibilidade. Por isso, precisamos preservar, precisamos ter vigilâncias em nossas comunidades, temos que orientar tudo isso em nossas reuniões.

Principais caças encontradas na região

Tipo	Característica	Onde pode ser encontrado
Caititu	Preto	Mato, lavrado
Capivara	Vermelho sem rabo	Rios, lagos e igarapés
Tatu	Couro grosso	Mato, beira de lago e serrado
Veado	Campeiro vermelhado, capoeiro vermelho escuro	Mato, beira do rio e serrado
Jabuti	Casco duro, vermelho e amarelo	Mato e serrado
Jacaré	Couro esverdeado, caraquento	Rios, lagos
Tracajá	Casco escuro liso	Rios
Paca	Vermelho, bicor, com pintas	Mato, beira do rio
Marreco		Rios e lagos
Pato		Rios e lagos
Cutia	Pequeno, Vermelho sem rabo	Mata, beira de rio
Porcão	Dentre grande e preto	Mato, beira de lago e rios
Queijada	Preto, dentado	Mato, lavrado

Já na comunidade Araçá, a percepção é de que a caça está praticamente extinta, de vez enquanto aparece porcão do mato, que vem de outras ilhas. Ultimamente falamos muito em preservação das matas, mas a poluição cresce cada vez e mesmo que temos muitos caçadores, não temos caças, até os jabutis estão desaparecendo.

Antigamente era comum encontrar uma caça perto e rápido, hoje em dia não. Nos anos 1970, a caça chegava no terreiro de casa, agora nem na mata se encontra mais. Ainda podemos encontrar tatu, jabuti e paca, os porcão do mato tem sido um prejuízo para nós, que vem

fugindo de outros lugares. É importante a gente respeitar os períodos de reprodução dos animais.

Dentre as explicações para essa escassez das caças, um aspecto é que no Araçá não temos matas, somente pequenas matas ciliares, e sempre estão queimando. As queimadas têm atingidos as matas e os animais têm fugido para outras matas mais distantes da nossa terra.

Outro fator é por conta do aumento da população. O veado não se encontra mais, ainda podemos encontrar, tatu, paca e jabuti.

Os caçadores não respeitavam os tempos de reprodução das fêmeas. Nas ilhas, ainda podemos encontrar, paca, tatu, cutia e jabuti, mas o veado já foi praticamente extinto de nossas ilhas.

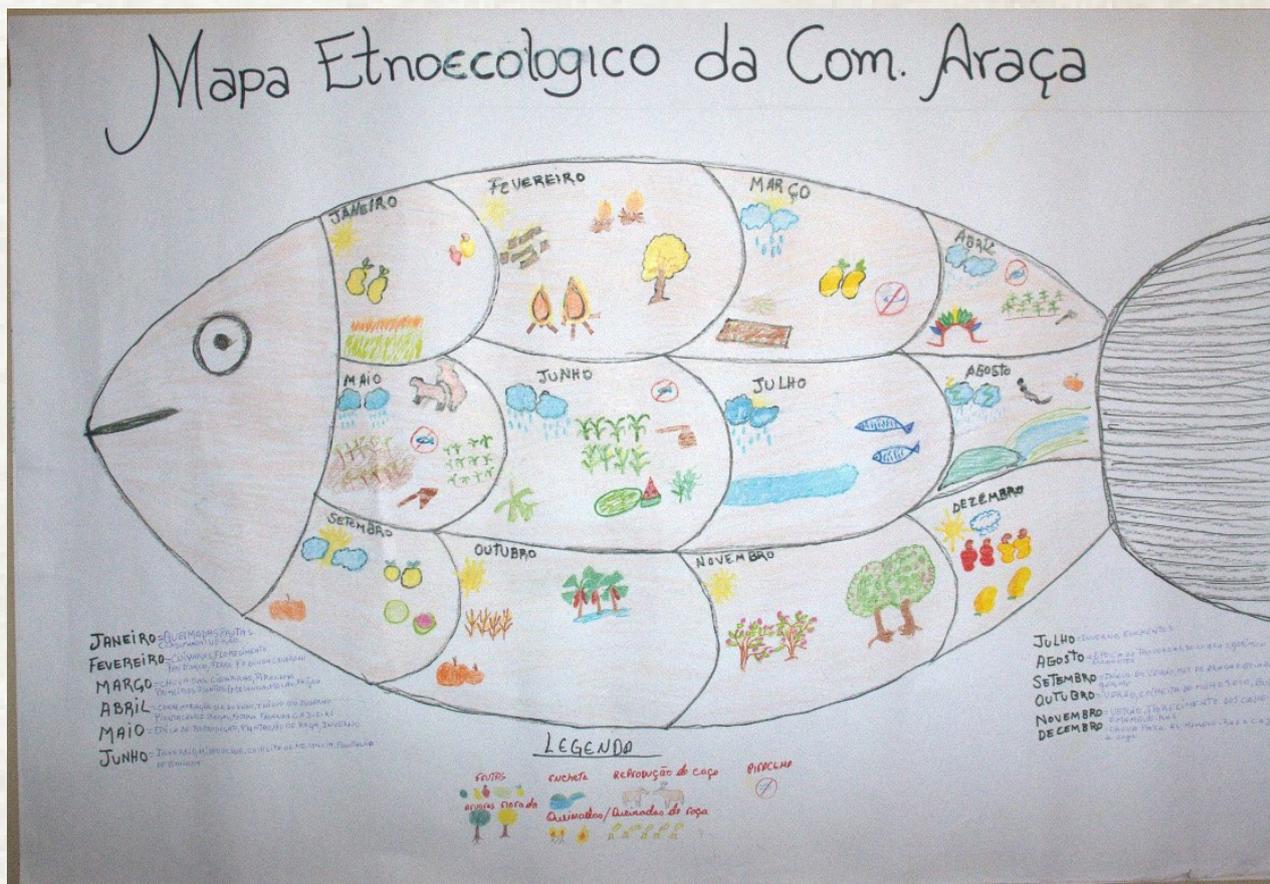
A conscientização é a base das conservações e preservação das espécies de animais, o respeito às caças é importante, lembrando que elas têm um seu período também, se não tiver isso, a tendência é só diminuir.

As coisas foram ficando mais difíceis, até

espaço para colocar uma roça, não tem mais na comunidade, assim, as pessoas começam a derrubar matas virgens, onde ficam os animais, aí se espantam e vão embora.

Já na comunidade Cajueiro os relatos indicam que a caça tem aumentado nos últimos tempos, como por exemplo os porcos do mato. Na comunidade Garagem esse aumento da presença de porcão do mato tem trazido prejuízos para as roças. Alguns moradores já não colocam mais roça pois os porcão do mato atacam as plantações.

Pescarias



Em todas as comunidades da região do Amajari a pesca é praticada de forma artesanal, como uma das alternativas que as famílias buscam para complementação do alimento e fonte de renda. Os artefatos de pesca utilizados são: malhador, espinhel, linha, anzol, galão e canoa.

Na TI Aningal existem três igarapés importantes: Saúba, Anigal e Arraia. Em sua maior parte, são margeados por vegetação de porte arbóreo, principalmente o buriti (malritia flexuosa), que forma concentrações (buritizais) ao longo dos igarapés. Em conjunto

com os buritizeiros, pode ocorrer também desenvolvimento das matas ciliares. Ocorrem, ainda, pequenas depressões, que formam lagos, que são em geral circulares isolados ou parcialmente drenados por igarapés: lago da Sela, lago Alvorada, lago do Aquilino Roxo, lago do Cambú, lago Tracajá, lago do Salvador, lago do Calixto e lago da Égua. Enquanto alguns lagos são temporários, enchendo durante as chuvas e secando no verão, outros são perenes

ou secam durante grandes estiagens, em intervalo de dez ou mais anos.

A percepção regional é que está ocorrendo uma diminuição dos peixes. Os motivos devem ser os mesmos das caças, as mudanças do clima, principalmente com as secas e com as queimadas e o aumento da população nas comunidades, mas precisamos tomar providencias, para não haver mais redução.

Principais tipos de peixes encontrados na região

Tipo	Característica	Onde pode ser encontrado
Pacú	Redondo, brilhoso	Rio
Sulamba/Aruana	Comprida e escama grossa	Rio
Jaraqui	Escama brilhosa	Rio
Cara	Redondo	Rio
Curimatã	Escama brilhoso, duro	Rio, lago, igarapé
Aracú	Escama amarelado, pintado	Rio, lago, igarapé

Piranha	Escama preto, escama vermelho	Rio, lago, igarapé
Jaraqui	Escama brilhosa	Rio
Cucuiu		Rio
Jiju	Escuro, liso	Igarapé, lago,
Pirara		
Pirandirá	Branco, dentado	Rio
Pacu	Redondo chato, escama miúda	Rio, lago,
Curimatã	Escama, pintado brasino	Rio, lago,
Cará	Escama, preto	Rio, lago, igarapé
Jacunda	Escama vermelhado	Rio, lago, igarapé
Pirarucu	Vermelhado com branco brilhoso	Rio
Pescada	Escama brilhosa, miúda	Rio
Traíra	Escama preto	Rio, lago, igarapé
Cascudo	Cascudo	Rios
Jiju	Escuro, liso	Igarapé, lago,
Jaraqui	Escama pequena, brilhosa	Rio e lagos
Pirandirá	Branca, Brilhosa, dentuda	Rio
Pongo	Cinzento	Igarapé

Jacundá	Vermelho e malhado	Rio, igarapé
Cara	Escama escuro	Rio, lago,
Aracú	Escama amarelado, pintado	Rio, lago, igarapé
Surubim	Preto pintado de branco	Rio
Tucunaré	Açu amarelo, veado pintado	Rio, lago, igarapé

No Araçá os peixes não estão diferentes, apenas temos dois igarapés que passam na comunidade. O rio Amajari, fica um pouco longe, os pescadores usam redes em tempo de piracema, aí assim tem impedido de os peixes subirem e desovarem. Precisamos mais fiscalização por parte dos órgãos ambientais nas épocas de piracema.

A pesca de peixe durante a seca não tem deixado aumentar, assim o peixe não tem

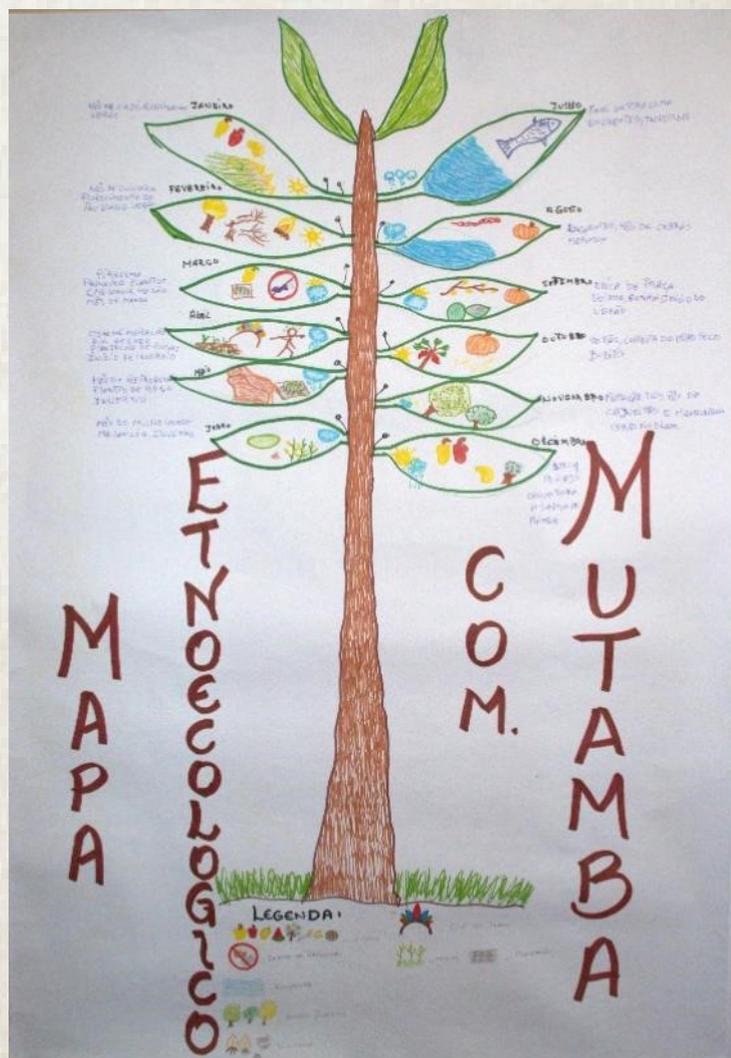
subido. Um dos entrevistados destacou que a fiscalização pode ajudar bastante, para que não aconteça esses tipos de pescas.

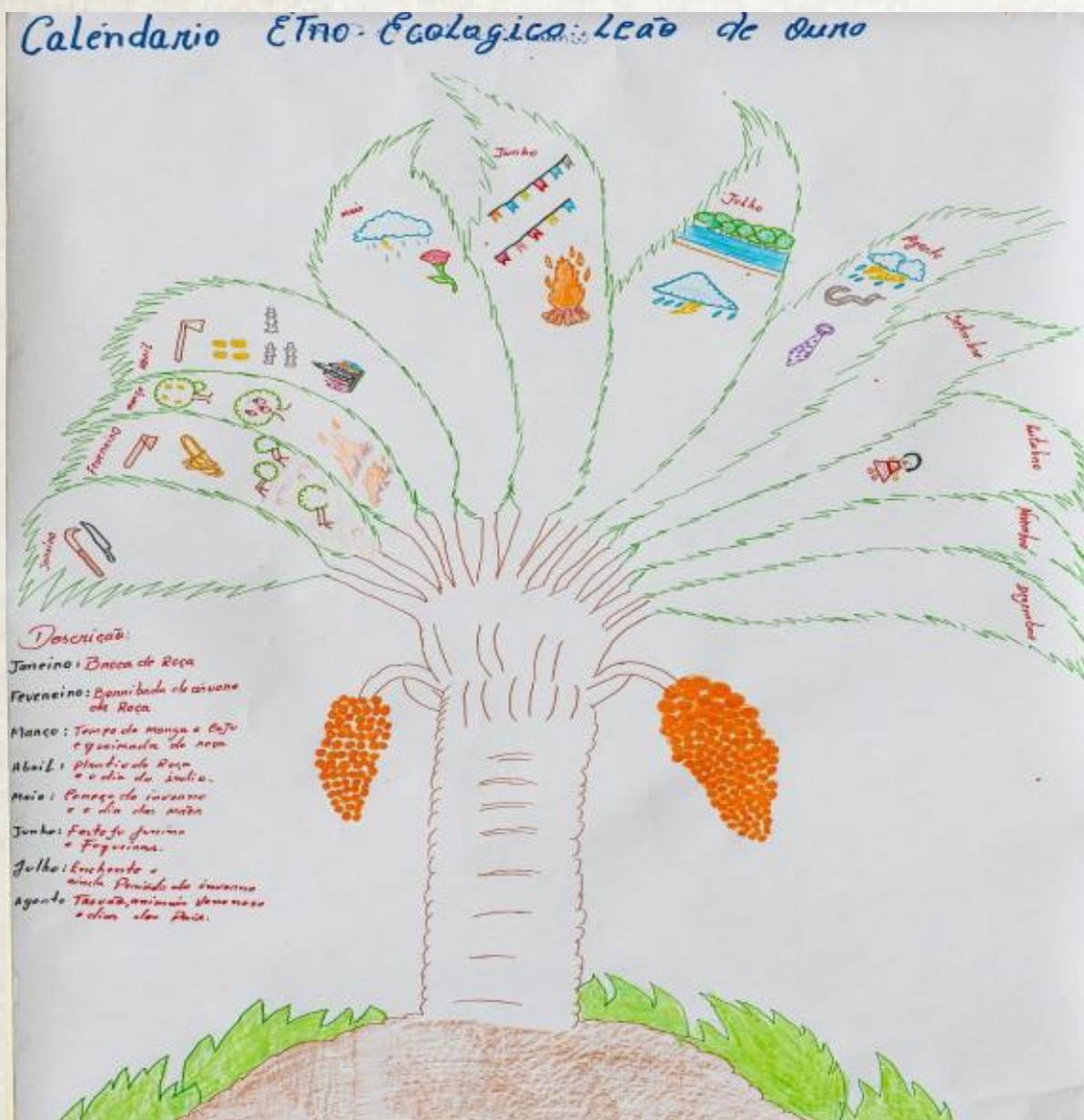
Apesar dessa impressão, algumas pessoas ainda entendem que sempre tem peixe de pequeno porte nos igarapés e no rio também encontram os peixes de grande porte, como surubim, filhote e outros. Para não deixar o peixe acabar, devemos evitar pescar na época de piracema.

Frutíferas

Nas comunidades são encontrados diversos tipos de frutas. Em diversos lugares os entrevistados destacam que se se não plantamos, até as frutíferas vão sumir, acabar. Os moradores estão percebendo que as frutíferas estão sumindo aos poucos.

Assim também as arvores do mato, houve uma diminuição “lembro que 2012, eu saía para fazer coletas dos frutos do mato, como jenipapo e mirixi, encontrava com facilidade, hoje não se encontra mais” nos relatou um morador do Aningal.





Houve um tempo de seca muito grande na comunidade e foi secando as árvores, e quando o inverno chegou, já foi bastante chuvas, mas as arvores não reviveram, seria bom fazer um reflorestamento dessas plantas.

Na comunidade Araçá, a bacaba, por exemplo, é uma fruta silvestre coletada nas matas no período do inverno e apenas para o consumo próprio. Outras frutas típicas que servem de alimento são: tucumã, jatobá, cajuí, jutaí, pitombado-mato, mata-fome cabeça-de-macaco e inajá.

Essas frutas estão morrendo por falta de cuidado

ou também pela idade das plantas, também os trovoes interferem nesse caso. As frutas do mato também estão difíceis.

Os moradores mais antigos dizem que as frutas antigamente era muitas, hoje em dia não se vê bastante por que os moradores novos não querem plantar, e o solo não está como antes, ou seja, o solo fértil, e também tem muito trovão no período do inverno.

Uma solução para esse tipo de problema seria um plantio de viveiro, assim também acontece com os frutos do mato.

Principais tipos de frutíferas encontradas na região		
Frutas	Característica	Consumo
Goiaba	galhudo,	
Laranja	espinhoso, fruta doce e azedas	Suco, puro, remédio
Banana	verde, folhas grandes e larga	Mingual, puro, frita, cozida
Caju	galhudo	Fruta, doce, suco, moco-ro-ro
Limão	espinhoso, azedas	Suco, remédio
Azeitona	alto, frutas pretas, pequeno, redondo	
Manga	alto, pé grande	Suco, doce comestível
Coqueiro	alto, galho comprido	Cocada, água
Goiaba	alto, galhudo	Doce
Coqueiro	alto, galho comprido	Cocada, água
Ingá	grande, galhudo	comestível
Mamão	alto	Suco, doce comestível, remédio
Roma	baixo, cheio de espinho	Comestível, remédio
Araçá	pequenos, frutas pequenas	Suco
Ingá	grande, galhudo	comestível
Mamão	alto	Suco, doce comestível, remédio
Buriti	alto, fruta vermelha e redondo	Suco, polpa, usa-se a palha para cobrir a casa
Pitomba	alto, frutos marrom e redondo	-
Jatobá	alto, frutos compridos	-
Tamarino	altos, frutas azedas	Suco, remédio
Coco	alto, frutas verdes e redondas	Água
Melancia	com ramificação	Suco, fruta

A utilização das áreas de floresta altas nas ilhas causa a redução da disponibilidade de importantes recursos. Isso implica a diminuição de habitats para os animais silvestres, tais como cutia, paca, tatu, veado, porco-queixada, catitu, macaco, guariba, tamanduá-mirim, tamanduá, gambá, irara, gato-marajá, raposa e onça, e de espécies de aves: mutum, jacu, aracua, nambu, tucano, papagaio, curica, juriti, galega, soco-boi, arara, garça, curicaca e quero-quero. Atualmente, há uma certa preocupação com o reflorestamento

das capoeiras e a conservação das espécies florestais das ilhas que apresentam a vegetação mais intacta.

Agora esse ano de 2023, o buriti vai da bastante, a safra vai se boa, outros anos, os pés de buriti estavam sendo queimado todo ano e vejo que quem com a chuva de 2022, as queimadas pararam um pouco mais. Os cajueiros e mangueirais, também sofreram com as mudanças dos climas, no ano passado, mesmo com muitas chuvas, não dei deram

frutos, mas, eu acredito que seja por conta dos raios e trovões.

No Araçá, as ilhas têm sofridos muitos com as queimadas, e as frutas são poucas também, o lavrado está queimando muito por aqui, estamos procurando conscientizar a

população a não queimar.

As frutas como, manga e cajú, tem diminuído muito, devido às fortes secas nos últimos anos, só em 2022, que choveu bastante. E quantos as frutas nativas, como buriti e tucumã, tem dado pouco, espero que este ano de muito.



Temos os tipos de frutas, como cajú, manga, limão, mas, em 2022, não deu nada dessas frutas, vamos ver esses anos, mas acho que não vai ser diferente, sofreram muito, mesmo que choveu muito, porém, teve muito relâmpagos e trovões. E vejo que a tendência é só piorar, quando chove, inunda tudo e quando não chove, seca tudo.

Parece que vai chover em abril, e as mangueiras estão todas carregadas, é preciso que todos tenha consciência de preservar meio ambiente. As mudanças do tempo são os resultados que nos seres humanos fazemos na terra.

Enquanto os frutos do mato, as chuvas ajudaram a recuperação dos que já estavam morrendo, assim o tucumã, taperebá, ingá

e jatobá, tem aumentado, e a melhor coisa é fazer a orientação para a população a não queimar, temos que preservar a natureza.

As frutas do mato, não tem faltado como, tucumã, ingá, taperebá e jatobá, diferente do cajú, limão e manga, que tem sofrido com as mudanças do tempo.

No Cajueiro os moradores observam que as árvores estão florando fora do tempo.

Além das frutíferas, os moradores também destacam a redução das espécies madeiras usadas na construção de casas, cercas e currais; além de espécies locais usadas como lenha: pau-rainha, angico, ipê-amarelo, itaúba, pau-roxinho, frejó, tatajuba, tauari, estopeira, marupá, cedro, jatobá, pau-louro, pau-veneno, ripeira.

Principais tipos de madeiráveis encontrados na região		
Madeiras	Característica	Modo de uso
Pau rainha	Alto, semente espinhosa	Construção de casa, curral
Jatobá	Alto, casca cinza e branca	Construção de casa, curral
Frejo	Alto, cinza	Construção de casa
Pau d'arco	Alto, folhas amarelas	Construção de casa
Sucubeira	Alto	Construção de casa e canoa
Sucupira	Alto	Construção de casa e canoa
Jatobá	Alto, casca cinza e branca	Construção de casa, curral
Janipapo	Alto, pés cinza,	Remédio



Plano de enfrentamento a transformação do tempo

Durante a realização das atividades deste estudo de caso, nós, Agentes Territoriais e Ambientais, como pesquisadores sobre as percepções das nossas comunidades sobre as mudanças climáticas, perguntamos também para as pessoas que participaram desse

estudo quais são as principais mudanças do tempo, seus principais impactos nos nossos modos de vida e na vida das plantas cultivadas, do mato, e também dos animais. Essas informações foram sistematizadas como um plano de enfrentamento das mudanças climáticas na nossa região do Amajari.

Mudanças do tempo	Impactos	Ações Necessárias
Verão e inverno descontrolados	Impactos na produção agrícolas e nas variedades de sementes	<ul style="list-style-type: none"> - Não deixar de plantar as roças; - Trabalhar em coletividade com planejamento de autossustentabilidade; - Conscientização do uso da terra; - Limpeza ao redor da roça para proteger o plantio do fogo; - Conservar, replantar e guardar as sementes das manivas; - Criar cooperativas, e incentivar os mais jovens; - Formar técnicos agrícolas para acompanhamento da produção; - Ampliação de projetos existentes em cada comunidade; - Guardar as sementes tradicionais nas garrafas pets e de vidro com cinzas; - Repassar os conhecimentos tradicionais aos mais jovens da região; - Reflorestamento das sementes perdidas; - Planejamento para manter o plantio da produção da roça e não deixar acabar para não perder as variedades de sementes que são cultivadas; - Melhorar o sistema de irrigação na comunidade; - Manter o banco de semente viva (guardar as manivas nas covas, que na comunidade é chamada de manicuji); - Buscar parcerias governamentais e não governamentais para: - Mecanizar áreas para o plantio (áreas de lavrado e capoeira); - Fortalecer a criação tradicional de avicultura, suinocultura e roças; - Fortalecer os projetos nas escolas indígenas como roça, hortas e outros. - Aquisição de transporte para levar os produtos até as feiras de comercialização;
Inverno prolongado e enchentes		
Fogo descontrolado		
Quentura e chuva fora de época		

	Redução dos Peixes no verão	<ul style="list-style-type: none"> - Promover o manejo de pesca no período de piracema; - Vigilância e monitoramento para não haver pesca fora de época; - Respeitar a época de reprodução; - Construção de açude para piscicultura nas comunidades; - Fiscalização por órgãos governamentais;
	Extinção dos Animais	<ul style="list-style-type: none"> - Preservar as áreas onde vivem animais silvestres na região; - Conscientização da população para a conservação da espécies de animais; - Conscientizar a população a não tocarem fogo nos lavrados e matas; - Não caçar na época de reprodução; - A caçada tem que ser consciente (caçar só para subsistência); - Implementar projetos que ajudem a conservar as matas, ilhas e igarapés da região; - Fiscalização por parte dos órgãos ambientais; - Buscar pessoas especializada no estudo da terra e meio ambiente, para palestrar sobre os temas de conservação e preservação das matas;
	Redução das Frutas	<ul style="list-style-type: none"> - Conscientizar sobre a conservação da biodiversidade; - Construção de viveiros; - Fiscalizar e conscientizar a população a não queimar as matas e lavrados; - Criar projetos que ajudem a conservar as matas e lavrado; - Monitoramento e vigilância por parte dos agentes territoriais e ambientais; - Conscientizar o uso da terra e não ter derrubada desnecessários nas matas; - Que o o PREVFOGO e a brigada comunitaria indígena realize a queima prescritas na região.

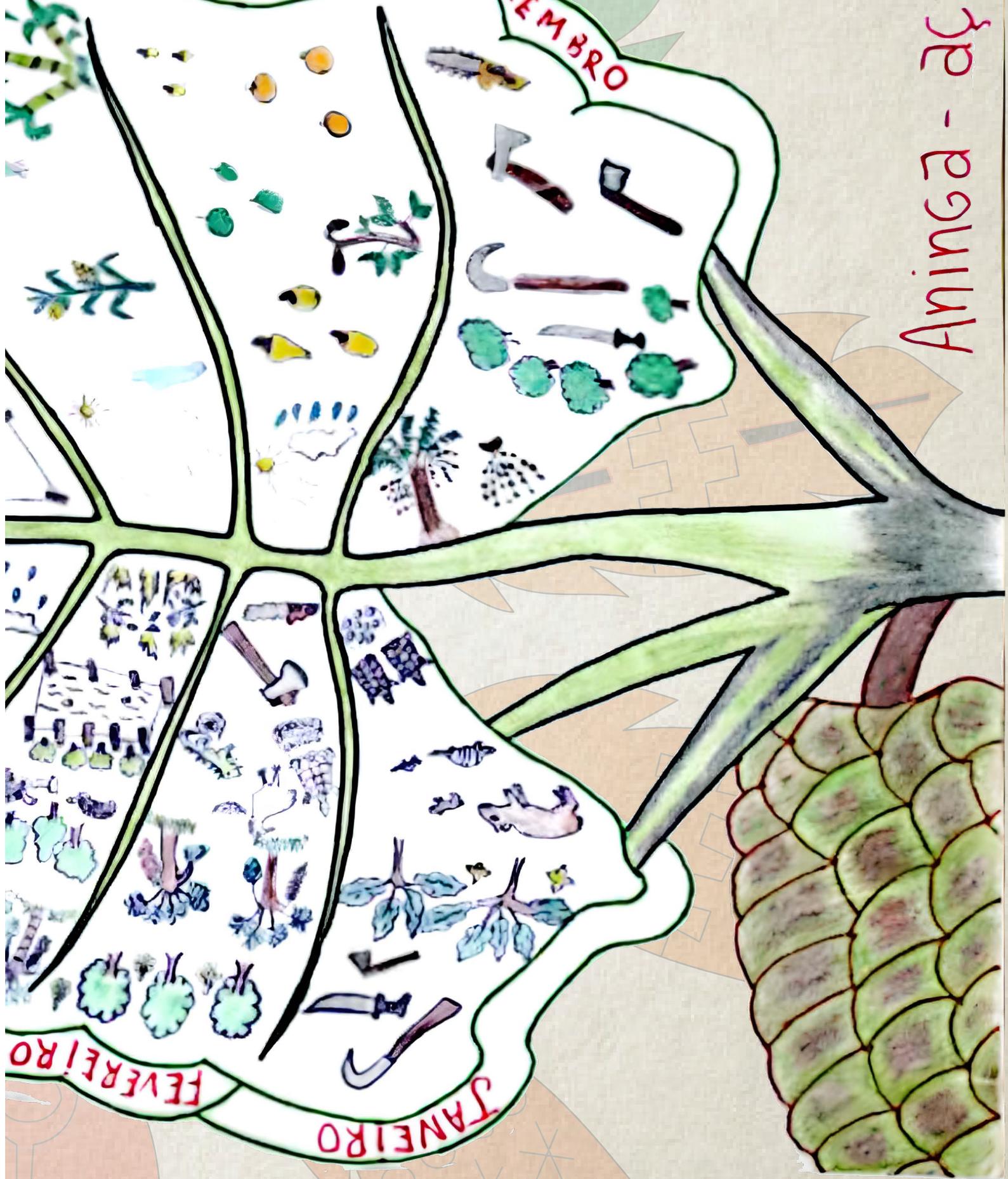
Realização
Apoio



NOVEMBRO

DEZEMBRO

Aninga - açu



Realização



Apoio:



Plano de Enfrentamento a Transformação do Tempo
Plano de Adaptação Indígena
Amajari